

A DOR

Ainda na manhã do mundo, embevecida,
Sahira a passear, no paraíso, a Vida,
Vestida do esplendor sem par das primaveras,
Tocada de jasmims, papoulas, lírios, heras,
Tonta de embriaguês, de cores e de orgias,
Entre mares de luz e orquestras de harmonias.

De prompto surde, ali, dos tufos das verduras,
Uma Virgem gentil, descida das alturas,
Que lhe diz: "Vida, força ingente do universo,
Alma de tudo, sopro electrico disperso,
Salve! Eu sou a Dor triste e d'olhos magoados,
Porque me creou Deus para punir peccados.
Foram rotas as leis e rotos os decretos
Que déra aos reis da terra -- aquelles dois insectos.
Impoz-me Deus andar o mundo de jornada
Numa grande missão de redempção sagrada:
Pungir, amargar, dizer ao homem: chora,
Mas crê também, que após a noite vem a aurora,
Desnudar illusões e desfazer mil sonhos
E planos de ambição, sombrios e medonhos.
Serei o pão de rala, o pão de cada dia,
Que a humanidade come e nunca se sacia.
Ah, o homem viverá do suor do seu rosto,
Fitando sobre a mesa a codea do desgosto;
E magoará os pés nas pedras dos caminhos,
Dar-lhe-ha veneno a serpe, a linda rosa espinhos.
Injustiça? Da palha agreste que se espanca
Sae bom trigo, e de sob a mó farinha branca.

Sou a Artista de Deus. Com meu cinzel divino
Golpeio o marmor mais tenaz e adamantino,
Desbasto e limo a copia inutil da vaidade,
As curvas da illusão, os nós da má vontade,
Espalmo mãos na forma ideal da prece pura,
Rasgo olhos matinaes, olhando para a altura.
Sem mim o mundo andára estradas escabrosas,
Atheu, cantando o vicio, a se ennastrar de rosas.
Nem poupo idades: vou ao berço das crianças
Banhar com pranto as mais doiradas esperanças,
Espinhos esparzir nos thalamos nupciaes,
E no peito das mães, ai, vou cravar punhaes.
Corro á velhice, já sepulta para o mundo,
Pôr tristura na luz de seu olhar profundo,
Deitar em cada olhar luzentes gotas d'agua
E, no proprio sorriso, uns tremulos de magoa.
As casas regias da nobreza malfadada,
Seus luxos orientaes, serão minha morada;
Vou viver nos salões dos ricos e bastados,
No meio do esplendor de sedas e brocados,
Gasalhar-me no horror de negras enxovias,
Sob tectos pobres, sobre enxérgas de agonias,

Trabalhos de viver
nos amigos

Encher alcovas de pavor, de gritos, vozes e ais,
Chorar nos carceres, gemer nos hospitaes.

Sou o Viticultor, que ao dealbar da aurora,
Podôa á mão, na boca uma canção sonora,
Vae á vinha: tosquia os galhos sugadores,
A ramagem que gasta a seiva e os humores;
Choram as vides; mas, depois, vede-as vergadas,
De uvas sorrindo ao sol, maduras e doiradas...
Venho ao mundo esgalhar, deixar berços vazios,
Vacuos nos lares, paes chorando, hirtos e frios,
Cortar orgulhos vãos, ramagens de vaidade,
Que deixam a alma secca, exposta á inanidade...
Venho desencadear tormentas e procellas
Nas almas que lá vão, sem mastros e sem velas,
Troar como bulcão, rugir como oceano
Nas praias glaciaes do coração humano:
O temporal que açoita a vastidão dos mares
Mantem as aguas sãs, salubres, salutaes.

Em noites sem luar, em dias sem encanto,
Ouvirá escorrer e soluçar o pranto;
Virão horas de horror, com hortos de Oliveiras,
Horas de sangue e pasmo e monstros e caveiras,
Horas de inferno, mar sem fundo, com resacas,
Horas que matam e retalham como facas...
Perto de Christo, junto ao santo, ao serafim,
Um Judas tenebroso, a larva de um Caim.
Verás guerras, galés, mortes, canhões que arrombam,
Cidades em montão, vidas em flor que tombam;
Ao lado do palacio, o tecto vil de palha,
Num sobra de ouro, no outro falta de migalha;
Verás braços de cruz, nos cumes dos Calvarios,
Com Almas a ulular, farrapos e sudarios
Feretros a marchar, rumo das vallas frias,
E procissões de morte, esqualidas, sombrias,
Pranto nas casas, nos caminhos, nos espaços,
Almas geladas e corações aos pedaços,
Ao pé de cada cruz, curvado em cada lousa,
Um orfão, uma mãe, um ente, uma esposa.

Emfim, no céu, no mar, na terra, em toda parte,
Da alma das multidões, vae se elevar sem arte
Um ai tão triste como o do mar infinito,
Chorando, á noite, contra as rochas de granito...
Ó Vida, ó Vida... " E foi se lhe lançar nos braços.
A vez primeira, o pranto ecoou pelos espaços...
Correu, depois, no azul extranha melodia:
Era a porta do céu que, abrindo-se, rangia...

Pedro Luis